
FERRAMENTAS LIVRES PARA TRADUZIR COM GNU/LINUX E MAC OS X

OSCAR DIAZ FOUCES

Facultade de Filoloxía e Tradución

Universidade de Vigo

1. UM SISTEMA MENOS COMUM

Há apenas alguns anos, identificar-se a si próprio como «usuário de Linux» era sinónimo de ser considerado, no melhor dos casos, um (perigoso) especialista no domínio da Informática e das novas tecnologias da informação e das comunicações (um *hacker*), ou então simplesmente um indivíduo esquisito e associal (um *freak*). Aliás, e com algum matiz, essa mesma categorização era atribuída aos utilizadores de qualquer outro sistema operativo diferente do inevitável Microsoft Windows (BSD, Solaris, BeOS...), se calhar com a excepção do Mac OS X da Apple. Nunca, até agora, GNU/Linux conseguiu uma fatia minimamente significativa do âmbito de uso «doméstico». Do nosso ponto de vista, nestes últimos anos processaram-se uma série de circunstâncias que vieram justificar a nova situação:

- Em primeiro lugar, a simplificação da instalação, da configuração e do uso das distribuições GNU/Linux. O caso paradigmático, nestes últimos tempos, é o da Ubuntu (<www.ubuntu.com>), patrocinada pela Canonical Ltd., que já se tornou num modelo de facilidade de acesso para o grande público.
- A progressiva adopção de GNU/Linux por alguns dos grandes fabricantes de hardware (Dell, Tesco, Acer, Lenovo) como sistema operativo-padrão para os seus computadores domésticos. E também, mais recentemente, a irrupção no mercado dos novos computadores ultra-portáteis, como o Asus EEE PC, o Acer AspireOne, o Intel ClassMatePC, ou até o projecto OLPC (*One Laptop per Child*), baseados em GNU/Linux.
- A grande qualidade atingida por muitos programas de desenvolvimento livre e comunitário, de que são bons exemplos o conjunto de aplicativos de escritório *OpenOffice.org*, o navegador *Firefox* ou o editor gráfico *The*

Gimp, que muitos utilizadores instalam nos seus sistemas proprietários (às vezes sem dar por isso).

- O apoio decidido de bastantes governos e administrações ao software livre, como uma opção estratégica para evitar a dependência de terceiros e garantir um controlo suficiente sobre produtos que são utilizados em missões críticas (nomeadamente a e-administração). Há casos certamente espectaculares, como o das potências económicas emergentes (o Brasil, a China e a Índia), em que a aposta no software livre é muito clara. Também a própria União Europeia está a promover, há já alguns anos, esse tipo de produtos, nomeadamente pelo uso que eles fazem dos padrões industriais abertos e documentados (v. o trabalho de M. Mata neste mesmo volume).
- *Last, but not least*, também deve ser trazido à baila o relativo insucesso dos produtos da hegemónica Microsoft, na luta contra as vulnerabilidades na área da segurança, bem como da (in)estabilidade, que viria a colmatar o lançamento da última versão do sistema operativo Windows (*Windows Vista*), que até poderia estar a frustrar as expectativas nela colocadas.

Todos estes factores (e alguns mais) estariam a fazer com que muitas pessoas tenham, pela primeira vez, algum contacto com GNU/Linux. Esse primeiro contacto permite-lhes «perderem o medo» aos sistemas operativos livres e verificarem que, na maior parte dos casos, eles respondem sobejamente às solicitações dos usuários comuns.

As pessoas cujo desempenho profissional está relacionado com o fornecimento de serviços linguísticos não são, porém, uns «usuários comuns». Para já, assume-se que alguém que consegue manter uma posição concorrente no mercado da tradução profissional deve dispor de uma proficiência tecnológica adequada (confirase, todavia, os resultados do inquérito de M. García neste volume). É isso que determina, por exemplo, a norma UNE-EN 15038:2006, sobre serviços de tradução. Essa proficiência tecnológica estaria relacionada fundamentalmente, pensamos nós, com algumas habilidades como estas:

- O uso eficaz de ferramentas para a obtenção da documentação e de textos paralelos, bem como de recursos terminológicos adequados, para cada uma das encomendas.
- O uso experiente de programas de tradução assistida por computador (*CAT Tools*).
- O uso experiente de programas de comunicação e suites de escritório.
- Um conhecimento razoável de ferramentas «periféricas» (sistemas para *Desktop Publishing*, tratamento gráfico, etc.)

Actualmente, os tradutores munidos com sistemas GNU/Linux podem apetrechar-se com uma série de ferramentas, livres e gratuitas, com que satisfazerem uma

parte significativa das encomendas mais habituais. Apesar de que, como afirma algum autor «there is still a long journey to travel in search of open-source solutions for translators» (Muñoz Sánchez 2006), também é verdade que o caminho que até agora foi percorrido nesse âmbito já dá para mantermos um optimismo razoável. Um bom indício poderia ser a inclusão da ferramenta livre OmegaT num lugar significativo entre os «grandes» sistemas CAT no relatório do Imperial College *Translation Memories Survey* para o ano 2006¹.

Neste trabalho apresentaremos algumas ferramentas livres relacionadas com a tradução (o exercício profissional e a formação de tradutores), que podem executar-se em sistemas GNU/Linux. Devemos advertir, antes de mais, que este não é um artigo de introdução a GNU/Linux. As pessoas interessadas em conhecerem os pormenores desse sistema operativo encontrarão abundante informação na Internet². Do ponto de vista da sua viabilidade para a tradução profissional, bem como da sua idoneidade para a formação de tradutores, podem consultar-se os nossos trabalhos Diaz Fouces 2005a e 2005b. No segundo deles apresentámos já uma listagem de ferramentas livres, que agora actualizamos e completamos em parte.

2. UM OUTRO SISTEMA MENOS COMUM

Dizíamos nos primeiros parágrafos que as qualificações de *freak* e de *hacker* são muito menos usuais, para referir-se aos usuários do Mac OS X, o sistema operativo da Apple. Para falar verdade, os produtos desta companhia, que apostou na estratégia de manter e desenvolver em simultâneo o seu próprio hardware e o seu próprio software, até vieram a ganhar umas inegáveis conotações de prestígio. Pense-se, por exemplo, nos casos do iPhone, ou do iPod (que elevou exponencialmente o valor das acções da Apple). Para além do âmbito dos computadores domésticos, os «Mac» ficaram especialmente associados, por exemplo, ao desempenho profissional dos arquitectos e os designers (em geral, dos utentes de aplicações CAD), bem como dos *Desktop Publishers*. Seja como for, segundo as estatísticas mais recentes, parece que o sistema operativo da Apple é hoje o

¹ V. <<http://www3.imperial.ac.uk/pls/portallive/docs/1/7307707.PDF>>. V. também o inquérito realizado em 2007 pelo *Institute of Translation and Interpreting*, relativamente à formação e o uso de sistemas CAT entre os profissionais da tradução, visando a organização de um curso *ad hoc* <<http://www.iti.org.uk/uploadedFiles/surveys/TMSurvey-Results.pdf>>.

² Existe até um portal de entrada específico no Google para as consultas relacionadas com o Linux, que pode acessar-se em <<http://www.google.com/linux>>

concorrente mais próximo do MSWindows... nem que seja a uma distância estratosférica³.

Enquanto que as versões anteriores do Mac OS estavam baseadas num ambiente proprietário, o OS X alicerça no Darwin, uma versão do Unix baseada em BSD 4.4, FreeBSD e o microkernel Mach. Por outras palavras, o Mac OS X é um autêntico sistema Unix, como o GNU/Linux, enquanto que eles satisfazem as especificações *Portable Operating System Interface* (POSIX) IEEE 1003 - ISO/IEC 9945, que têm como objectivo garantir a portabilidade do código-fonte de um programa a partir de um sistema operativo que atenda as normas POSIX para um outro sistema POSIX. Ambos permitem trabalhar com cuidadas interfaces de usuário —o espectacular ambiente Aqua, no caso do Mac— ou então directamente na linha de comandos de um terminal, como acontecia no Unix primitivo⁴.

Não parece que Mac OS X seja uma opção maioritária entre os profissionais dos serviços linguísticos. Um dos motivos mais óbvios para isso poderá ser o facto de existirem muito poucas ferramentas específicas de tradução assistida, quando conferido o mundo dos PC⁵. Os usuários desse sistema operativo podiam, até agora, deitar mão de soluções de virtualização proprietárias, como Parallels Desktop (<http://www.parallels.com/en/products/desktop>) ou livres como Wine (<http://www.winehq.org>), para utilizarem software do MSWindows no seu Mac. A partir da migração da arquitectura PowerPC para a Intel nos computadores da Apple, a solução mais cómoda é estabelecer uma compartimentação no próprio disco rígido, de modo a deixar conviver harmonicamente nele o Mac OS X e o MSWindows, sem interferirem mutuamente. Claro que nem todo o mundo gosta dessa solução, nem do «sacrilégio» que significa «contaminar» um Mac com esse tipo de software. Felizmente eles dispõem de algumas soluções multiplataforma de boa qualidade (como o Swordfish, v. *infra*) e também, é claro, de algumas livres, que aqui veremos. Aliás, bastantes ferramentas CAT para GNU/Linux são de tipo

³ Segundo os dados da *Market Share* (<<http://marketshare.hitslink.com/report.aspx?qprid=8>>), em Setembro de 2008 o sistema operativo da Microsoft detém 91.02% do mercado dos sistemas operativos, enquanto que o MacOSX ficaria pelos 7.76%, no segundo lugar. Corresponder-lhe-iam ao Linux, no terceiro lugar, apenas 0.082%.

⁴ Existem, sim, pequenas variações nos «respectivos dialectos» utilizados pelos diferentes sistemas Unix na linha de comandos. Para o caso do Mac OS X, pode consultar-se Taylor & Peek (2002). Umha boa síntese da história dos sistemas operativos da Apple é a que fornece o primeiro capítulo de Singh (2007). O mesmo volume oferece uma descrição extensa e pormenorizada da estrutura e do funcionamento do MacOSX.

⁵ Veja-se, por exemplo, os foruns sobre Mac/Apple e ferramentas CAT no portal *Proz*, como este que se indica <http://www.proz.com/forum/translator_resources/102157-cat_tools_for_mac_os_x_leopard.html> [cons. 01.09.08]

multiplataforma. Portanto, o seu uso é geralmente viável em ambientes MacOSX (e até mesmo no MSWindows).

3. UMA SELECÇÃO COMENTADA DE FERRAMENTAS LIVRES PARA OS SERVIÇOS LINGUÍSTICOS, PARA GNU/LINUX E MAC OS X

Nesta secção apresentaremos uma selecção mínima de ferramentas livres com que podem apetrechar-se os profissionais dos serviços linguísticos que optaram por Linux ou Mac. Devemos advertir que não pretende ser uma listagem geral, muito menos um catálogo exaustivo. Também o tratamento dos diversos programas não será equilibrado. Julgamos, por exemplo, que hoje o conjunto de aplicativos de escritório OpenOffice.org merece já um lugar de destaque dado que, como veremos, ele próprio, através de algumas extensões, tornou-se numa potentíssima «caixa de ferramentas integral para tradutores».

Dado o carácter multiplataforma dos programas que citamos, não admira nada que boa parte dos conteúdos deste capítulo complementem boa parte dos conteúdos do trabalho de Cánovas & Samson neste volume, sobre ferramentas livres para a tradução em MSWindows. De facto, esse é mais um indício da utilidade de utilizá-las: a possibilidade de intercambiar informações entre usuários de diferentes sistemas sem problemas de compatibilidade entre eles e, ainda, a optimização do tempo de aprendizagem do uso das ferramentas, já que as destrezas adquiridas serão válidas para sistemas diferentes. Ainda desta perspectiva, convém não perder de vista que as ferramentas livres são candidatos idóneos para fazer parte dos programas de formação de tradutores. Com efeito, o uso delas, especialmente quando conferidas com outras privativas, permite pôr em destaque as funcionalidades essenciais deste tipo de programas, para além dos visuais mais ou menos atractivos, do uso generalizado ou da pressão do *marketing*. Em consequência, é uma boa estratégia para estimular o sentido crítico dos estudantes, para ajudá-los a fixar um critério próprio nas tomadas de decisão relativas às características que devem possuir as ferramentas mais adequadas para o seu desempenho profissional.

3.1. Processadores de texto, suites de escritório e edição electrónica

3.1.1. A suite OpenOffice.org

Na origem da OpenOffice.org (www.openoffice.org) encontra-se a StarOffice, uma suite de escritório criada pela StarDivision, que viria a ser adquirida pela

SunMicrosystems em 1999. Nesse mesmo ano, começaria o código fonte a ser libertado sob uma licença LGPL (<http://www.gnu.org/licenses/lgpl.html>), dando lugar à suite de escritório livre OpenOffice.org, de que se alimentariam, por sua vez, as novas versões da StarOffice, mantendo uma parte de código proprietário. O GooglePack (http://pack.google.com/intl/en/pack_installer.html?hl=en&gl=us), um conjunto de aplicativos gratuitos oferecidos pela Google, inclui o StarOffice (que nem por isso pode ser considerado livre). A suite gratuita Lotus Symphony (<http://symphony.lotus.com>), promovida pela IBM, também está baseada na OpenOffice.org, com adição de algum código da própria IBM e da Lotus Smartsuite. Neste momento (Setembro de 2008), ainda não há versões de StarOffice ou da Lotus Symphony para Mac OS X, embora existam três versões da OpenOffice.org para essa plataforma: a OpenOffice.org «estrita» (baseada no sistema de janelas *X Window System*, ou X11), a OpenOffice *Aqua* e a NeoOffice, que suplia as limitações da primeira no que diz respeito à adaptação ao ambiente gráfico Aqua do Mac OS X, mas que, com a vontade manifesta da Sun de promover uma suite adaptada a esse ambiente (a segunda das que citámos), tem muitas hipóteses de ficar ultrapassada. Existem versões de StarOffice, OpenOffice.org e Lotus Symphony para GNU/Linux.

Estrutura e características do OpenOffice.org

OpenOffice.org tem uma estrutura de tipo modular, de que fazem parte o Writer (editor de texto), o Impress (editor de apresentações), o Math (editor de fórmulas matemáticas), o Draw (desenho vectorial), o Calc (folha de cálculo) e o Base (base de dados). Dispõe também de um editor de macros, que permite programar diversas operações na linguagem StarBasic, de modo análogo ao Visual Basic sobre MSWindows.

OpenOffice.org utiliza por defeito o corrector ortográfico Hunspell (<http://hunspell.sourceforge.net>), e dispõe de dicionários para mais de noventa línguas (<http://wiki.services.openoffice.org/wiki/Dictionaries>). Conta também com um revisor gramatical, a extensão Language Tool⁶.

O formato nativo da suite para criar documentos é o Open Document Format (ODF), a que recentemente foi atribuído o padrão ISO/IEC 26300:2006. Consegu

⁶ Language Tool apresenta diversos graus de eficácia para cada uma das diferentes línguas em que existe (actualmente, Francês, Polaco, Inglês, Neerlandês, Alemão, Italiano, Lituano, Russo, Esloveno, Espanhol, Sueco e Ucrainiano), segundo o número de regras já desenvolvido. Confira-se em <http://www.language-tool.org/languages/>

exportar directamente documentos para o formato PDF, para além de gerir formatos proprietários como os nativos do MSOffice e MSWorks ou do WordPerfect. Já agora, convém recordar que ODF é diferente do OfficeOpenXML, o novo formato da Microsoft para os seus produtos de escritório baseado em XML que também ganhou recentemente a condição de padrão ISO (ISO/IEC 29500), só que depois de um processo de deliberação certamente polémico e ainda discutido (<http://www.nooxml.org/irregularities>), em que a Microsoft foi acusada de pressionar os comités locais dos diferentes países membros para conseguir a aprovação de um padrão que, por existir já o ODF, pareceria, no mínimo, redundante. Seja como for, OfficeOpenXML é já o formato nativo do MSWord 2008, embora suporte ainda o velho DOC.

As extensões

A partir da versão 2.0.4, o OpenOffice.org admite a incorporação de pequenos aplicativos que incluem novas funcionalidades na suite. Existe um «armazém» em linha destas extensões, o *OpenOffice.org Extension Repository* (<http://extensions.services.openoffice.org>), de onde podem descarregar-se. Para nós, há duas especialmente interessantes, de que falaremos a seguir.

A Sun PDF Import Extension (Beta) permite importar ficheiros PDF sem necessidade de contarmos com as fontes deles, para editá-los no Draw, mantendo a estrutura do formato original. Embora esteja ainda em fase Beta de desenvolvimento, é completamente operativo. Dada a importância extraordinária deste formato, que ganhou recentemente um padrão ISO (ISO 32000-1:2008), é interessantíssimo para nós contar com um sistema livre que nos permita lidar com ele.

En segundo lugar, Anaphraseus (<http://anaphraseus.sourceforge.net>) —inicialmente conhecido pelo nome de OpenWordFast (ou OpenFast, como ainda aparece em algum menu)—, desenvolvido nestes momentos por Ole Tsygani, Dmitri Gabinski e Sergei Medvedev, nasceu em Outubro de 2007 como um modelo para o OpenOffice Writer. Agora é também uma extensão, que pode ser incorporada como um menu *pull-down* e/ou uma barra de ícones na estrutura desse editor de texto. A última versão libertada (em 29.08.08), sob uma licença GPL (<http://www.gnu.org/copyleft/gpl.html>), era a 1.22 Beta. Com o Anaphraseus, o Writer passa a ser uma completa ferramenta de tradução assistida. As características mais salientáveis deste produto são as seguintes:

- Segmentação de textos, que são apresentados em caixas de cores diferentes, como acontece no WordFast ou no Tradós.
- Reconhecimento terminológico.

- Procura de correspondências aproximadas (fuzzy matching) na memória de tradução.
- Importação e exportação de ficheiros Unicode, UTF16 e TMX.
- Possibilidade de utilizar como formatos de memória de tradução Unicode e UTF16. Admite os glossários TXT do Wordfast.
- Glossários de usuário.
- Interface de usuário localizável para outras línguas (actualmente, existem versões em Inglês e em Russo).
- Uma novidade no mundo das ferramentas CAT: Anaphraseus consegue gerir os códigos de 3 dígitos para os nomes das línguas. Portanto, é compatível com a norma ISO 639-3.

Em geral, os usuários de gestores de memórias de tradução baseados no MSWord, nomeadamente o WordFast, não terão qualquer dificuldade para lidar com o Anaphraseus. O funcionamento é praticamente idêntico, só que a partir do OpenOffice.org. De facto, nem se trata do primeiro intento de utilizar como editor para traduzir essa suite, como acontece no âmbito proprietário com outros programas, relativamente ao MSWord/Office (esse é também o caso do Trados). Já existiu há alguns anos um projecto, de nome OOxlate, desenvolvido por Daniel J. Urist, que pretendia integrar-se com o OpenOffice.org, e que, infelizmente, ficou descontinuado⁷ em 2004.

Dado que se integra com OpenOffice.org, Anaphraseus pode ser utilizado em ambiente GNU/Linux e MacOSX (na versão com X11 ou na versão Aqua; com arquitecturas PPC ou Intel). Por enquanto, não é possível instalá-lo no NeoOffice, no que diz respeito a esta última plataforma. Evidentemente, também pode ser executado em outros sistemas operativos (MSWindows, os diferentes BSD ou Solaris).

Uma suite portátil?

Uma suite de escritório com um gestor de memórias de tradução incorporado e ainda algumas outras extensões acrescentadas (o Sun PDF Import é apenas um exemplo) torna-se numa potente «suite de tradução». Se formos usuários do

⁷ Tecnicamente, ficou descontinuado na altura em que a equipa da OpenOffice.org que mantinha o *web services proxy* (um elemento imprescindível para executar o OOxlate) deixou de mantê-lo, tornando-se incompatível para as novas versões da suite. Nestes momentos, a página de descargas do OOxlate (<<http://translatewrite.com/ooxlate.html>>) deixou de estar activa, mas ainda podem localizar-se as informações básicas do projecto em <<http://kb.cospa-project.org/retrieve/1674/8.1%2BOoxlate.pdf>>

MSWindows, até podemos levá-la conosco numa caneta USB, instalando nela o Portable OpenOffice (<https://sourceforge.net/projects/portableoo/#item3rd-1>). Embora também seja possível instalar o OpenOffice.org para Linux numa caneta USB, se calhar nesse caso dava mais jeito levar nela uma distribuição completa. Existe já uma documentação abundante para preparar algumas canetas de modo a serem capazes de carregar um sistema GNU/Linux, com as suas aplicações, sempre que o nosso sistema aceitar um início a partir de USB (<http://www.pendrivelinux.com>), ou até algumas distribuições vocacionadas para isso, como a Catux-USB (<http://catux.org/trac>). Contudo, no caso do Linux, também é possível — e provavelmente mais prático — recorrer a um *livecd*, um *cdê* que contém uma distribuição completa de propósito geral ou então, eventualmente com modificações «temáticas», por exemplo a compilar ferramentas para a tradução⁸.

3.1.2. *Alternativas para escritório*

Embora a qualidade extraordinária da OpenOffice.org faça com que seja a escolha de preferência para utilizar com GNU/Linux ou Mac, existem outras alternativas livres, que não podemos deixar de referir.

A suite de produtividade do projecto GNOME

O projecto GNOME (*GNU Network Object Model Environment*) nasceu em 1997 com o objectivo de criar um ambiente de trabalho completo livre e gratuito. GNOME inclui também uma suite de escritório de que fazem parte vários projectos independentes. A seguir, apresentamos alguns deles.

Abiword (<http://www.abisource.com>) é um processador de texto, livre e multiplataforma. Iniciado pela empresa SourceGear, logo seria libertado, ficando o desenvolvimento em mãos de um grupo de voluntários. A sua interface de usuário é bastante semelhante com a do MSWord, de modo a facilitar a migração. Consegue importar e exportar de/para RTF, DOC, HTML e ODF. Pode importar os novos ficheiros OfficeOpenXML da Microsoft e, mediante um mini-aplicativo (um *plug-*

⁸ Em Diaz Fouces (2007) pode consultar-se uma receita fácil para gerar um CD com uma compilação de ferramentas para a tradução a partir da distribuição PCLinuxOS. Até existe já uma distribuição para esses propósitos criada a partir dessa mesma distribuição, a LinguasOS <<http://www.linguasos.org/about.html>>. Obviamente, é possível criar *cdês «vivos»* com esses propósitos a partir de umas outras distribuições.

in), pode exportar para o formato do WordPerfect. Também permite a exportação para LaTeX (v. *infra*). Existem versões do Abiword para GNU/Linux e para Mac OS X.

Gnumeric é um gestor de folhas de cálculo capaz de trabalhar com os formatos CSV, MSExcel, HTML, LaTeX, Lotus 1-2-3, ODF e Quattro Pro. Tem um importante número de adeptos pela sua fiabilidade no tratamento estatístico, que está relacionado com a colaboração da comunidade de desenvolvedores com o projecto R (<http://www.r-project.org>) (uma linguagem de programação e ambiente de desenvolvimento orientados ao tratamento estatístico).

GnuCash (<http://www.gnucash.org>) é um programa de gestão de finanças, para uso pessoal (controlo de contas bancários, investimentos, empréstimos) e de pequenas empresas, com uma interface simples e intuitiva. Está baseado no conceito de partidas dobradas (*double entry*), que supõe que todas as operações financeiras não são mais do que transferências entre contas. As contas em GNU/Cash podem ser dos tipos *receitas* (dinheiro acrescentado), *despesas* (dinheiro subtraído), *activos* (quando somadas, representam o total de recursos possuídos) e *passivos* (contas que ainda não foram pagas, como as hipotecas). Existem versões para GNU/Linux e MacOSX.

Glom (<http://www.glom.org>) é um gestor de bases de dados, baseado no FileMaker, só que utiliza um servidor independente (utiliza como *backend* o PostgreSQL). Existem versões para diferentes distribuições GNU/Linux, mas ainda não há uma para o Mac. Contudo, é possível instalar nele este software. Para isso, devemos recordar que o Mac OS X é um genuíno sistema UNIX, criado com código do BSD. A instalação de programas em BSD está baseada num sistema de *ports*, a explicação de cujo funcionamento ultrapassa os objectivos deste trabalho, mas que, para simplificar, podemos descrever como um conjunto de instruções para descarregar, compilar e instalar os diferentes programas, alojadas localmente, no nosso próprio computador, e que também utilizam algumas versões de GNU/Linux, como Gentoo. Podemos, portanto, utilizar o sistema de ports em Mac OS X para instalar software, a partir do projecto Darwinports (<http://darwinports.com>). Já agora, convém apontar, para os usuários de GNU/Linux, que também existe um projecto para manter em Mac OS X uma ferramenta de instalação de software semelhante ao apt-get da distribuição Debian: o Fink (<http://www.finkproject.org>). Com ele, podemos instalar também diversos programas Unix no nosso Mac (entre eles, o ambiente Gnome).

A suite de produtividade do projecto KDE

O projecto KDE (<http://www.kde.org>) (*K Desktop Environment*), nascido em 1996, pretende criar um completo ambiente de trabalho e aplicativos de escritório

para sistemas Unix. É, de facto, junto com o GNOME, um dos ambientes padrão para GNU/Linux. Existe uma versão para Mac OS X, embora pouco madura ainda (<http://mac.kde.org>). Fazem parte do projecto KDE, para além do ambiente de trabalho, uma suite de escritório (KOffice), bem como alguns outros aplicativos (entre eles, o ambiente de desenvolvimento KDevelop, o gravador de cedês K3B e o reprodutor de música Amarok).

KOffice (<http://www.koffice.org>) também está formado por vários elementos: o processador de texto KWord, o gestor de apresentações KPresenter, a folha de cálculo KSpread, o editor de diagrama Kivio, o editor de imagens Krita, a base de dados Kexi, o editor de fórmulas matemáticas KFormula, o gerador de relatórios Kugar, o editor de gráficos da suite KChart, o programa de desenho vectorial Karbon14 e o gestor de projectos (capaz de gerar diagramas de Gantt) KPlato. Trata-se, portanto, de um completo ambiente de escritório profissional. É claro que no espaço de que dispomos não podemos descrever por extenso todos os elementos da suite. Não podemos deixar de apresentar, porém, algumas das características mais salientáveis do processador de texto, se calhar o elemento fundamental do nosso ponto de vista.

O KOffice é um processador de texto que trabalha a partir de molduras, e não de páginas, como os outros processadores convencionais (p.e. o MSWord). Isso significa que introduzimos o nosso texto em «caixas» que podem ser redimensionadas à vontade. De facto, podemos introduzir nessas molduras virtualmente qualquer elemento (imagens, gráficos...) O KOffice está muito mais próximo, portanto, dos programas de edição electrónica (*Desktop Publishing* DTP), como o Adobe FrameMaker. Utiliza o formato nativo ODF, permite exportar directamente ficheiros como PDF, habilita a criação de índices automáticos e o uso de bases de dados externas, entre outras funcionalidades. Não existem por enquanto versões nativas para MSWindows e MacOSX (v., porém, as indicações acima sobre o Darwinports e o Fink), embora o lançamento delas esteja previsto até fim de 2008⁹. Há pacotes do KOffice para todas as distribuições GNU/Linux que suportam o KDE.

Outras alternativas

Embora a OpenOffice.org seja a suite ofimática de referência para todo o mundo do software livre, e as dos projectos GNOME e KDE as imediatas concorrentes para o ambiente GNU/Linux (e, se calhar, num futuro próximo para MSWindows),

⁹ V. <<http://mac.kde.org/>> e <<http://windows.kde.org/>>. Neste momento [18.09.2008] já podem descarregar-se a versão 4.1 beta do KDE completo para Mac e a alpha 10 do KOffice para Windows.

existem ainda algumas alternativas «menores» que podemos citar. Uma delas é a levíssima Siag Office (<http://siag.nu>), ideal para reciclar computadores velhos com poucos recursos (8Mb de RAM são suficientes para executá-la em modo gráfico), constituída pela folha de cálculo Siag, o processador de textos Pathetic Writer (pode exportar a format RTF), o programa de animação Egon, o editor de texto XedPlus, o gestor de ficheiros Xfiler e o visor gráfico Gvu. Resulta ideal para distribuições GNU/Linux capazes de trabalhar com poucos recursos, como a Slackware (<http://www.slackware.com>). Existe também uma versão para Mac OS X, se bem que resulte um desperdício de recursos executar numa máquina moderna este tipo de programas.

3.1.3. Edição electrónica

Numa epígrafe anterior fazíamos referência à condição de ferramenta de edição electrónica do KWord, para além de processador de textos «estrito». Existem, porém, programas criados ad hoc para esses efeitos, cujo exemplo mais conhecido é o Scribus (<http://www.scribus.net>). Este programa de DTP trabalha também a partir de molduras, como o QuarkXPress. Possui um controlador de PostScript nível 3 e consegue exportar directamente para PDF (embora não possa editar ficheiros desse tipo), se bem que o uso de fontes escaláveis pode criar eventualmente problemas nas procuras de texto nos nossos ficheiros PDF a partir do Adobe Reader. O Scribus utiliza um formato nativo baseado em XML (o SLA) e pode importar ficheiros ODT, DOC, RTF e HTML. Existe suporte para GNU/Linux e Mac OS X.

Ainda no mesmo âmbito da edição electrónica, é necessário recordar aqui a linguagem de descrição de página TeX e a sua implementação LaTeX, de uso comum na edição profissional, nomeadamente no âmbito científico-técnico. Existem diversos editores para LaTeX, para ambientes Linux e Mac. No primeiro caso, são bons exemplos o Kile (<http://kile.sourceforge.net>), o Texmaker (<http://www.xmlmath.net/texmaker>) e o Winefish (<http://winefish.berlios.de>); no segundo, iTeXMac (<http://itexmac.sourceforge.net>), TeXShop (<http://darkwing.uoregon.edu/~koch/texshop/texshop.html>) ou BibDesk (<http://bibdesk.sourceforge.net>), para gerir referências bibliográficas.

3.2. Ferramentas para gerir memórias de tradução

Com certeza, um dos produtos básicos no âmbito da tradução profissional são as ferramentas de tradução assistida por computador. Devemos começar por recordar que, se for indispensável fazê-lo, resultará tecnicamente viável utilizar ferramentas para ambiente MSWindows sobre GNU/Linux ou MacOSX, a partir

de soluções de virtualização como aquelas já referidas. Este é um bom momento para recordar também que existem agora boas ferramentas proprietárias com versões específicas para Linux e Mac, embora aqui não tratemos delas. A seguir, actualizamos a listagem que propunhamos em Diaz Fouces (2005b), no que diz respeito ao software livre, com dados relativos às últimas novidades e alguma lacuna que ficou por preencher no seu momento. Uma delas, a Anaphraseus, já foi apresentada acima, embora volte a ser citada agora, aos efeitos de oferecermos umas informações mais sistemáticas:

Panorâmica geral de sistemas livres de tradução assistida por computador para GNU/Linux e Mac OS X (Setembro 2008)				
Nome e versão actual (15.09.08)	URL	Linguagem de programação - Tecnologia	Licença	Observações
Anaphraseus (v. 1.22 beta)	http://anaphraseus.sourceforge.net/	StarOffice Basic	GPL	Multiplataforma, integração com OpenOffice.org
bitext2tmx (v. 1.0 Milestone 0)	http://bitext2tmx.sourceforge.net/	Java	GPL	Alinhador de textos
OmegaT (v. 1.8.0_0.1 beta para Mac OS X e GNU/Linux)	http://www.omegat.org/en/omegat.html	Java	GPL	Multiplataforma
OmegaT+ (v. 1.0 Milestone 1)	http://omegatplus.sourceforge.net/	Java	GPL	Multiplataforma; fork de OmegaT
Open Language Tools XLIFF Translation Editor (v. 1.2.7)	http://open-language-tools.dev.java.net/	Java	CDDL	Multiplataforma; Editor de traduções da Sun Microsystems
Transolution (v. 0.45b)	http://transolution.python-hosting.com/	Python	GPL	Multiplataforma; desenvolvimento detido

A listagem actual permite falar num previsível processo de «selecção natural» nos últimos anos. Com efeito, algumas ferramentas cujo desenvolvimento ficara detido em 2005 (como Frankenstein Jr. e OOxlate) parecem agora simplesmente desaparecidas. Alguma delas, certamente promissora, como a Transolution, também passou a fazer parte do grupo de programas «ameaçados», já em 28.01.2006. No entanto, alguma outra passa a constar da listagem (a citada Anaphraseus) e outras continuam a evoluir e melhorar, como OmegaT, provavelmente o software de referência neste domínio, ainda por enquanto. OmegaT+, inicialmente nascida como um *fork* da anterior avança agora como projecto independente, depois de algumas amargas discussões sobre a propriedade intelectual da marca e as licenças utilizadas (confira-se http://groups.google.com/group/omegatplus/browse_thread/thread/1241d020d5f096ad e http://groups.google.com/group/omegatplus/browse_thread/thread/508f121158665331).

As Open Language Tools e a Transolution têm uma característica comum: as duas trabalham com o formato XLIFF, em que os segmentos traduzíveis estão isolados da estrutura do documento (o *skeleton*). As primeiras possuem um filtro específico para esses efeitos. OmegaT+, desenvolvida por Raymond Martin, Scott Wilson e Yin Qiu, consegue lidar com ficheiros de texto puro, HTML, XHTML, Plain Text, Java Resource Bundles, ODF e StarOffice. OmegaT, cujos *project managers* são agora Marc Prior e Sonja Tomaskovic, acrescenta ainda os formatos XLIFF, DocBook, PO, JavaHelp, Office Open XML, HTML Help Compiler e os ficheiros INI. Como já vimos, Anaphraseus também pode lidar com ficheiros ODT.

Quanto ao suporte à edição, unicamente Anaphraseus está integrado com OpenOffice.org. Os outros sistemas possuem o seu próprio editor.

bitext2tmx não é um programa para gerir memórias de tradução. Trata-se de um alinhador de textos, quer dizer, um programa que permite criar, a partir de textos equivalente em línguas diferentes, conjuntos de bitextos. Permite exportar directamente no formato padrão para as memórias de tradução (TMX), de modo que os bitextos resultantes possam vir a serem utilizados com esse tipo de software. É desenvolvido por Raymond Martin, mais Susana Santos, Sergio Ortiz-Rojas e Mikel Forcada, do grupo *Transducens* da Universidade de Alacante.

Todos os programas que incluímos no quadro anterior podem ser executados em Mac OS X ou GNU/Linux. A listagem não ficaria por aqui, aliás, se incluímos também os sistemas proprietários que conseguem trabalhar directamente nessas plataformas. Os dois mais significativos são a suite Heartsome (<http://www.heartsome.net/EN/home.html>) e o recente Swordfish (<http://www.maxprograms.com>), se bem que podíamos fazer referência também a outros sistemas promissores, como aqueles que envolvem o trabalho em linha, de que a XTM Enterprise suite é um magnífico exemplo (<http://www.xml-intl.com>).

3.3. Algumas outras actividades e algumas outras ferramentas

Embora este trabalho não tenha um propósito exaustivo, e os nossos objectivos ficam deliberadamente limitados a apresentar as ferramentas mais imprescindíveis da prática profissional (nomeadamente, processadores de texto, gestores de memórias e software de diagramação), não queremos deixar de apresentar ainda aqui mais algumas, que correspondem a âmbitos bem diferentes, com o propósito de estimular a curiosidade do leitor para as suas próprias buscas.

Começaremos pelo sector do tratamento de vídeo digital, que faz parte, a cada vez mais, das encomendas com que devem lidar os profissionais dos serviços linguísticos. As apresentações multimédia, a publicidade e os conteúdos que são exibidos nas páginas e sítios da Net têm muito a ver com esse facto. É claro que o tratamento deste tipo de material fica reservado habitualmente para um tipo de profissionais mais especializados que, certamente, irão utilizar um software específico. Contudo, pensamos que pode ser útil incluímos aqui algumas dicas, relativamente a programas que podem permitir resolver pequenas encomendas pontuais, relacionadas, por exemplo, com a transcrição e a legendagem de pequenos ficheiros de vídeo. Também pensamos que podem apresentar bastante utilidade para os formadores, que podem criar actividades para as suas aulas com este tipo de software, especialmente no âmbito da tradução audiovisual.

No mundo GNU/Linux existem já interessantes programas de legendagem, como o Gnome subtitles (<http://gnome-subtitles.sourceforge.net>), um aplicativo para o ambiente GNOME que suporta alguns dos formatos mais habituais, como Adobe Encore DVD, AQ Title, DKS Subtitle Format, MacSUB, MicroDVD, Mplayer, Power DivX, SubCreator, (Advanced) Sub Station Alpha e SubViewer. No ambiente KDE contamos com o Ksubtile (<http://ksubtile.sourceforge.net>), uma ferramenta útil que se integra com o motor do Mplayer (<http://www.mplayerhq.hu/design7/news.html>), embora limitada à exportação em formato SRT.

Uma ferramenta multiplataforma de legendagem, bastante promissora, com versões específicas para o GNU/Linux e MacOSX, é o Jubler (<http://www.jubler.org>), baseado em Java, que conta com suporte para os formatos (Advanced) SubStation Alpha, SubRip, SubViewer, MicroDVD, MPL2 e Spruce DVD Maestro. Também o AegiSub (<http://www.aegisub.net>) (bem conhecido de aqueles que praticam o *fansub*) tem carácter multiplataforma.

Um outro sector interessante é o âmbito da localização, em que, para além dos gestores de memórias de tradução que antes apresentámos, são referências incontornáveis o Kbabel, a ferramenta de localização do projecto KDE (<http://kbabel.kde.org>), que agora está a ser substituído pelo Lokalize (<http://api.kde.org/4.x-api/kdesdk-apidocs/lokalize/html/index.html>) e o Poedit (<http://www.poedit.net>),

um programa criado para editar os catálogos gettext (os ficheiros PO) que são tradicionalmente utilizados em muitos projectos de localização de software livre. Conta também com uma versão específica para o MacOSX. Neste ambiente existe um aplicativo que aqui queremos citar, embora ele próprio não seja livre, dado que o autor distribui licenças gratuitas para as pessoas que colaboram em projectos de software livre. Trata-se do iLocalize (<http://www.arizona-software.ch/ilocalize>), um excelente programa que consegue gerir eficazmente memórias de tradução, com um bom sistema de controlo e de propagação dos segmentos localizados.

Por último, no âmbito da gestão de projectos, bem como da gestão económica da ocupação profissional, contamos, para além do GNUCash que antes citávamos, com ferramentas específicas, como o Transprocalc (http://sourceforge.net/project/showfiles.php?group_id=217008), desenvolvido por Anthony Baldwin. Esta aplicação multiplataforma (escrita em tcl-tk) permite gerir o controlo de clientes e orçamentos para projectos de tradução e, pela sua simplicidade, é um bom exemplo (apesar da sua juventude) das possibilidades que abre o software livre para este âmbito profissional.

4. CONCLUSÕES

O software livre abriu um leque interessante de recursos para os profissionais dos serviços linguísticos que decidem trabalhar com sistemas operativos diferentes de MSWindows. Neste trabalho apresentamos uma pequena amostra de programas com essas características, muitos deles capazes de operar também neste último. A natureza multiplataforma deles faz com que a escolha do sistema utilizado possa passar a não depender unicamente de «aquilo que é mais habitual», senão de outro tipo de factores, como a estabilidade, a resistência aos virus e as intrusões, o preço ou a possibilidade de reciclar equipamentos que não suportariam as solicitações pantagruélicas de hardware das últimas versões do sistema de Redmond. Os primeiros factores são comuns para todos os sistemas tipo Unix, MacOSX, GNU/Linux e também outros que apenas citámos aqui de passagem, como OpenSolaris ou os diferentes BSD.

Para aqueles usuários de Mac que continuam a trabalhar com software próprio de ambientes MSWindows (como MSWord e Trados), utilizando soluções de virtualização, será interessante saber que existem alternativas que podem funcionar directamente no seu sistema, livres e gratuitas em todos os casos a que aqui fazemos referência. Os usuários de GNU/Linux ficam a saber que não é preciso renunciar à liberdade que já possuem para manterem um desempenho profissional continuado, no mundo da tradução. Podem tirar algum proveito deste trabalho os

usuários de MSWindows? Aqueles leitores que decidiram dar-lhe uma vista de olhos depois de ler o artigo de Cánovas & Samson sobre software livre para a sua própria plataforma, ficam a saber que a aprendizagem do uso de ferramentas livres multiplataforma sobre Windows tem um valor acrescentado: conseguir trabalhar com elas sobre outros sistemas que, se calhar, nunca experimentaram e intercambiar os dados de modo confiável com outros clientes e colaboradores potenciais que as utilizam. Quem sabe se, depois disso, não se animaram a experimentar em eles próprios com outros sistemas operativos?

5. BIBLIOGRAFIA CITADA

- DIAZ FOUCES, O. 2005a. «Anar a Babel sense passar per Redmond. Migració a PL en la formació universitària de traductors». Comunicação para as *IV Jornades de Programari Lliure*. Escola Universitària d'Enginyers Industrials de Manresa. Universitat Politècnica de Catalunya. <<http://www.jornadespl.org/biblioteca/iv-jornades/ponencies/odiaz.pdf/view>> (último acesso: 25/08/08).
- DIAZ FOUCES, O. 2005b. «Software libre y software propietario. Algunas preguntas y algunas respuestas». D. Reineke (dir) *Traducción y localización: mercado, gestión y tecnologías*. Las Palmas de Gran Canaria: Anroart, 317-346.
- DIAZ FOUCES, O. 2007. «Creación de un entorno de trabajo para la formación de profesionales de los servicios lingüísticos con GNU/Linux». *Hermeneus* 9:21-38».
- MUÑOZ SÁNCHEZ, P. 2006. «Electronic Tools for Translators in the 21st Century». *Translation Journal* 10(4). <<http://accurapid.com/journal/38tools.htm>> (último acceso: 25/08/08).
- SINGH, A. 2007. *Mac OS X. A Systems Approach*. Upper Saddle River, NJ: Addison-Wesley
- TAYLOR, D. & J. PEEK 2002. *Learning Unix for Mac OS X*. Sebastopol: O'Reilly.